



CONTATO LINGUÍSTICO EM CONTEXTO DE OBSOLESCÊNCIA LINGUÍSTICA

DESAFIOS PARA A REVITALIZAÇÃO DO FRANCOPROVENÇAL NA FRANÇA

Simone Fonseca Gomes
(UFMG – Doutora)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Simone Fonseca Gomes é Doutora e mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG. Realizou doutorado-sanduíche no Institut Pierre Gardette da Université Catholique de Lyon, França (2015-2016), onde também desenvolveu trabalho de campo e coleta de dados junto a falantes da língua francoprovençal. Concluiu o bacharelado em Letras, língua francesa com ênfase em estudos linguísticos, em 2013. É associada à ABRALIN - Associação Brasileira de Linguística - desde 2015 e, desde 2020, é membro da Comissão Científica da Área de Linguística Histórica.</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Discute-se os desafios teórico-metodológicos da abordagem do contato linguístico em contexto de revitalização de línguas ameaçadas sob a ótica da sociolinguística. Línguas minoritárias com baixo prestígio social em intenso contato com uma língua dominante passam por processos de mudança linguística que podem levar à substituição linguística, na medida em que a língua dominada perde gradualmente suas funções comunicativas e entra em desuso. Estuda-se o caso do francoprovençal, língua regional falada na França, onde a expansão do francês, língua dominante de prestígio, resultou no confinamento dessa língua aos pequenos vilarejos e à vida rural, ocasionando perdas em termos linguísticos. Atualmente, movimentos de revitalização empreendem ações de valorização da língua e buscam difundi-la e conferir-lhe nova função na comunidade. Surgem, então, novos falantes os quais aprenderam a língua como segunda língua e que apresentam um desempenho fortemente marcado pelo contato com o francês, criando uma oposição em relação aos falantes nativos ou tradicionais que veem na performance dos primeiros uma versão corrompida da língua, afrancesada. O contato e seus efeitos aparecem assim como um fator perturbador, e a mudança linguística é vista como interferência da língua dominante e perda da língua minoritária, criando um impasse para a tarefa de revitalização.</p>	<p>We discuss the theoretical-methodological challenges of the linguistic contact approach in the context of linguistic revitalization of endangered languages under a sociolinguistic perspective. Minority languages with low social prestige in close contact with a dominant language go through processes of linguistic change that can lead to linguistic substitution, as the dominated language gradually loses its communicative functions and falls into disuse. We study the case of Francoprovençal, a regional language spoken in France. The expansion of French, the dominant language of prestige, resulted in the confinement of Francoprovençal language to small villages and rural life, causing losses in its linguistic structure. Nowadays, revitalization movements act in the valorization of the language and seek to disseminate it and give it a new role in the community. New speakers who have learned the language as a second language emerge, presenting a performance strongly marked by contact with French, which creates an opposition to the native or traditional speakers who see in their performance a corrupted version of the language, frenchified. The contact and its effects appear as a disturbing factor, and linguistic change is seen as interference of the dominant language and loss of the minority language, creating a stalemate for the revitalization.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Contato linguístico; Línguas ameaçadas; Revitalização linguística	Language contact; Endangered languages; Linguistic revitalization

INTRODUÇÃO

O estudo de línguas em processo de desaparecimento lança alguns desafios teórico-metodológicos para uma abordagem sociolinguística nos moldes estabelecidos por Labov (2008 [1972]). Uma abordagem que busca estudar a língua em uso deve lidar com o fato de que a língua objeto de análise encontra-se em processo de restrição de uso, tendo perdido suas funções comunicativas cotidianas e, em muitos contextos, existe apenas na mente de seus poucos falantes, os quais têm cada vez menos oportunidades de utilizá-la. Diante disso, o estudo de línguas nessa situação assume, frequentemente, um caráter essencialmente qualitativo, devendo lidar com a escassez de dados, a dificuldade de se encontrar falantes competentes na língua e a pluralidade de perfis de falantes (*falantes nativos, semi-falantes, falantes passivos, novos falantes*, etc), o que torna imperativo a adoção de um olhar sócio-histórico diante do fenômeno.

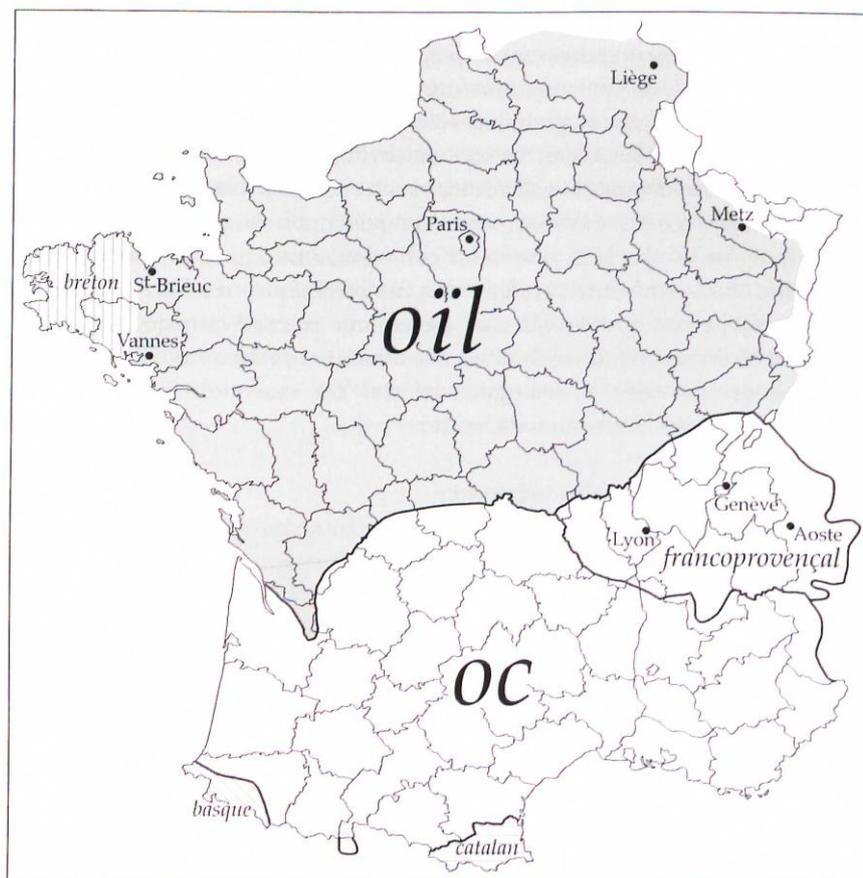
Nos casos em que a língua está em processo de revitalização, deve-se considerar ainda os efeitos do contato linguístico e seu impacto nas novas versões da língua que surgem, assim como a visão da comunidade e a atitude dos falantes diante desse processo. Neste texto, discutiremos a problemática do contato linguístico em contexto de obsolescência/revitalização linguística sob uma ótica sociolinguística¹, ou seja, tendo em vista os fatores sociais atuantes no processo de abandono da língua e nas tentativas de recuperação da mesma.

Estudos dessa natureza deparam-se frequentemente com comunidades linguísticas bilíngues que têm uma língua dominante – introduzida por meio de um processo histórico de dominação social, política e cultural – como língua da comunicação quotidiana, enquanto a língua nativa, tendo passado por um gradativo processo de redução de uso e de ruptura da transmissão intergeracional, é conhecida apenas por pessoas mais velhas. Esse é o caso de grande parte das línguas regionais da Europa, como o francoprovençal, língua românica falada no sudeste da França, em parte da Suíça e no Vale d’Aosta na Itália, hoje em avançado processo de desaparecimento. Vejamos no mapa 1 a localização do domínio linguístico francoprovençal na França – ao norte localiza-se o domínio *d’oïl*, do qual se originou o francês, e ao sul o domínio *oc* do qual se originou a língua occitana ou provençal. A língua está presente ainda em regiões da Suíça – nas proximidades de Genebra, Lausanne, Neuchâtel e Friburgo – e na Itália, região denominada Vale d’Aosta, na

¹ Usamos aqui o termo sociolinguística em seu sentido amplo, o qual concebe a linguagem como um fenômeno social e busca explicar os fenômenos linguísticos por meio da análise dos fenômenos sociais implicados (ver BAGNO, 2017).

fronteira com a França.

MAPA 1: Domínios linguísticos da França



Fonte: TUAILLON, 2007, p. 12

Na França, a situação dessa língua é particularmente delicada, em decorrência da expansão e imposição da língua francesa no longo processo de consolidação do estado-nação, o qual resultou no gradual abandono das demais línguas regionais que floresceram no território da antiga Gália. A unificação linguística, idealizada e iniciada na Revolução Francesa, concretiza-se com a implantação do ensino obrigatório em francês (1890) e após a Segunda Guerra Mundial, quando o sentimento nacionalista exacerbado intensificou a ruptura da transmissão das línguas regionais, representando um “golpe de misericórdia” no bilinguismo/multilinguismo até então dominantes. Essas línguas foram ficando cada vez mais confinadas aos vilarejos, à vida rural, sendo pouco utilizadas nas médias e grandes cidades, o que ocasionou perdas em termos linguísticos e comunicativos.

Nas últimas décadas, o francoprovençal vem sendo objeto de projetos de revitalização, que buscam recuperar e reativar essa língua no seio de suas comunidades

originárias, (re)criando contextos para a vivência da língua e um novo sentido para ela no mundo contemporâneo. Nesse contexto, surgem os chamados *novo falantes* (*new speakers*), indivíduos com pouca ou nenhuma exposição à língua em contexto familiar ou comunitário e que a adquiriram (ou a estão aprendendo) através de programas de revitalização ou de educação bilíngue (O'ROURKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015). No caso do francoprovençal na França, esses novos falantes tiveram pouco ou nenhum contato com a língua na infância e foram aprendê-la na idade adulta, apresentando uma competência limitada da língua, fortemente marcada pelo contato com o francês.

O contato linguístico e seus efeitos aparecem, então, como um fator perturbador, na medida em que se revelam como introdução de elementos da língua dominante na língua dominada, assim como a mudança linguística é vista como assimilação ou perda da língua minoritária. O surgimento de *novos falantes* cria uma oposição em relação aos *falantes nativos* (ou *falantes tradicionais*), guardiães legítimos da língua, que a aprenderam na infância quando ela ainda era usada em ambiente familiar, e que veem na performance desses *novos falantes* uma versão corrompida da língua, fortemente marcada pelo contato com a língua dominante e pouco aceita na comunidade linguística tradicional, o que pode criar um impasse para a tarefa de revitalização (conforme análises de COSTA, 2015 e O'ROURKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015).

Do ponto de vista do linguista estudioso de uma língua obsolescente, é importante determinar as condições sócio-históricas que levaram a língua à situação de ameaça ou desaparecimento, entendida como um dos possíveis resultados do contato entre línguas. O contato e as mudanças que ele induz não são, *a priori*, indicativos de substituição linguística, no entanto, sob determinadas condições socioculturais e políticas, o que se observa é a substituição de uma língua por outra, a redução dos domínios de uso de uma das línguas associada a transformações e reduções que afetam a estrutura da língua em declínio. Quando a língua está em processo de revitalização, e novos falantes a estão aprendendo, faz-se necessário estabelecer a natureza e as consequências dos efeitos do contato também no processo de recuperação da língua, na medida em que se observa o surgimento de uma nova versão da língua, de novas formas de aquisição, novos perfis de falantes e a constituição de uma nova comunidade linguística, distinta daquela formada por *falantes nativos*, já idosos e com poucas ocasiões de uso da língua.

Neste texto, propomos uma discussão acerca da abordagem do contato linguístico enquanto chave de descrição e análise dos fenômenos observados em situações de obsolescência/revitalização de línguas. Apresentaremos primeiramente uma discussão teórica sobre contato linguístico em contexto de obsolescência de línguas, em seguida discutimos contato linguístico e revitalização linguística, e a

importância do surgimento dos chamados *novos falantes*. Na sequência analisaremos o caso do francoprovençal, a partir do trabalho de campo realizado em um vilarejo no departamento de Ain, na França. Por fim, teceremos as considerações finais.

1 CONTATO LINGUÍSTICO E OBSOLESCÊNCIA LINGUÍSTICA

No clássico trabalho de Weinreich (1970 [1953]), o contato de línguas é entendido como um aspecto do contato entre culturas, entre comunidades linguísticas distintas, e seu *locus* é o indivíduo bilíngue que utiliza duas ou mais línguas alternativamente. Na esteira de Weinreich, Thomason (2012) afirma que o contato entre línguas ocorre quando há interação face a face e quando as pessoas envolvidas possuem um grau de fluência não trivial em ambas as línguas (THOMASON, 2012). O contato linguístico, em geral, pode ter como resultado, dependendo das condições sociais e políticas em questão, o bilinguismo estável, o bilingualismo – quando em um mesmo território duas ou mais regiões falam línguas diferentes – ou o desaparecimento de uma língua. Todos esses casos são caracterizados por diferentes fenômenos de interferência linguística entre os dois ou mais sistemas linguísticos em contato (THOMASON; KAUFMAN, 1991).

Em contexto de obsolescência linguística, o contato caracteriza-se por um bilinguismo instável e assimétrico, visto que uma das línguas está substituindo gradativamente a outra, num processo caracterizado por uma progressiva incorporação de estruturas e léxico da língua dominante pela língua dominada. A língua dominada passa por uma severa redução de seus domínios de uso que, associado à interrupção da transmissão intergeracional, tem como resultado transformações e reduções estruturais (DAL NEGRO, 2004).

É preciso esclarecer o que se entende como obsolescência de línguas – neste artigo optaremos pelo termo obsolescência linguística e deixaremos de lado termos como extinção, ameaça ou morte de língua por acreditarmos que o termo obsolescência representa melhor o fenômeno observado, que é o de desuso da língua. Conforme Dal Negro (2004, p. 48), obsolescência linguística diz respeito a todos os tipos de redução e perda na competência ou no uso de uma língua. Dada a amplitude de tal definição, a autora focaliza um aspecto singular do fenômeno de obsolescência, que adotamos no presente artigo: o estágio final de uma língua que sofreu um processo progressivo de decadência estrutural ao longo de gerações em uma comunidade onde a língua é falada como língua nativa. Trata-se assim de línguas que foram deixando de ser faladas, que foram substituídas por uma outra língua que se sobrepôs e se tornou língua dominante,

língua oficial e de prestígio. Pode-se afirmar assim, seguindo Thomason (2015), que o contato é uma pré-condição para o desaparecimento de uma língua.

O caso do francês em relação às línguas regionais na França, assim como o do espanhol na constituição da Espanha, do inglês na Inglaterra, posteriormente, do inglês, português e espanhol nas Américas, são apenas alguns exemplos que podemos citar nos quais o processo de dominação política, social e cultural e a conquista de territórios por um grupo significou também a sobreposição de uma língua ou variante linguística sobre as demais, que foram caindo em desuso, deixando de ser transmitidas às novas gerações, culminando numa situação de obsolescência ou ameaça. Na Espanha, temos dois exemplos de línguas que resistem a esse processo de assimilação, o galego e o catalão, no entanto, muitas outras línguas faladas na antiga Ibéria, tiveram o mesmo fim daquelas faladas na França: o desuso, o isolamento e o esquecimento.

Thomason (2015) comenta a situação das línguas indígenas nos Estados Unidos, no Canadá e na Austrália e enfatiza o papel de fatores sociais, econômicos e políticos no processo de obsolescência de línguas. O prestígio da língua dos invasores, assim como a necessidade de inserção e ascensão social atuam fortemente no abandono das línguas nativas e na assimilação à cultura dominante, na medida em que favorecem uma atitude negativa do falante em relação à língua nativa, o que se mostrou um fator decisivo na ruptura da transmissão da mesma às novas gerações.

Segundo Dal Negro (2004), a literatura sobre o tema do contato linguístico diverge em relação ao enquadramento do tema da obsolescência linguística. Alguns autores assumem que os mecanismos de mudança linguística encontrados em casos de obsolescência linguística são os mesmos estudados em linguística histórica, a única diferença seria a velocidade das mudanças. Seguindo essa vertente, MacMahon (1994) afirma que nos casos de “morte” de língua, as mudanças ocorrem mais rápido e estratégias de marcação morfológica são frequentemente perdidas e não substituídas, gerando lacunas na língua, pontos de entrada para a língua dominante.

Autores como Myers-Scotton (1998, 2002, apud DAL NEGRO, 2004), concebem as línguas obsoletas como um caso especial de contato assimétrico que tem como resultado a progressiva incorporação de estruturas e léxico da língua dominante pela língua dominada. A autora rejeita os conceitos de marcação e simplicidade como construtos explicativos e questiona se a perda seria o único resultado da atrição ou desgaste linguístico, incorporando os conceitos de convergência, incorporação, adaptação e *code-switching* (DAL NEGRO, 2004). Disso decorre que o falante bilíngue transita entre os dois ou mais sistemas linguísticos preenchendo as possíveis lacunas. A língua dominada se transforma, mas também transforma e adapta os elementos que toma da língua dominante, deixando suas marcas nesta última, que não sai incólume

dos efeitos do contato.

A última vertente discutida por Dal Negro (2004) toma a obsolescência como um fenômeno independente, caracterizado por mudanças internas peculiares, provocadas sobretudo pela severa diminuição de uso da língua e pela interrupção da transmissão. É preciso dar a devida importância à língua dominante de contato como fonte de transferência estrutural e lexical, e dimensionar o papel combinado dos fatores internos e externos. A língua em desuso perde ao mesmo tempo falantes e função social na comunicação. Postulando-se que há uma forte correlação entre forma e função chega-se à seguinte hipótese formulada por Dorian (1977, p. 24): “o uso reduzido de uma língua levará também a uma forma reduzida da língua”.

Entendemos que os três tipos de abordagem discutidos por Dal Negro (2004) contribuem para uma melhor compreensão do fenômeno da obsolescência linguística, no entanto, são pouco esclarecedoras quando se trata de línguas obsoletas em processo de revitalização. Nesse contexto, temos o ressurgimento de uma nova língua e de novas categorias de falantes, que emergem diante de uma sociedade cada vez mais multilíngue, onde novas formas de comunicação, linguagem e interação se impõem. O aparecimento dos chamados novos falantes coloca em questão as tradicionais formas de se tratar o fenômeno da linguagem e suas bases epistemológicas, colocando em questão noções como “natividade” (falante autêntico, língua ou cultura autêntica – termos que servem a determinadas ideologias linguísticas) (O’ROUKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015).

Em Gomes (2019), a análise dados linguísticos de falantes do francoprovençal do vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois, departamento de Ain (França), identificou-se, a partir da comparação das produções linguísticas de falantes mais e menos competentes na língua, os processos mais frequentes de desgaste estrutural da língua e de interferência do francês, quais sejam: a perda (também chamada desgaste) de itens do léxico, sobretudo relacionado ao modo de vida rural tradicional que sofreu mudanças com o desenvolvimento tecnológico, a urbanização e o êxodo rural, perdas morfológicas variadas e redução das conjugações verbais, redução dos paradigmas dos pronomes, dos demonstrativos e dos possessivos, incorporação de palavras do francês e adaptações variadas tendo o francês como modelo.

2 REVITALIZAÇÃO E CONTATO

Marginalizadas dentro dos modernos modelos de estado-nação, as línguas minoritárias europeias só começaram a ser objeto de interesse de grupos sociais e

políticos a partir da segunda metade do século XX, com a criação da União Europeia e o incentivo à diversidade linguística a nível supra-estatal. Os movimentos de revitalização se multiplicaram, ganharam mais espaço e conquistaram apoio por parte dos governos (O'ROUKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015).

Segundo Pivot (2014), revitalizar não se resume a fazer com que uma língua que deixou de ser usada como língua da comunicação em uma comunidade linguística volte a ter pleno uso em todas as esferas da vida, como aconteceu com o hebraico. Em muitos casos, como o do francoprovençal, é difícil vislumbrar essa volta ao uso quotidiano da língua. A autora assume então uma concepção mais ampla e afirma que revitalizar constitui “o conjunto de ações que têm como fim colocar a língua no centro de suas práticas socioculturais. A revitalização é entendida como tudo o que permite modificar a situação sociolinguística de maneira positiva: ‘fazer viver’ a língua, ensiná-la, produzir documentos escritos, criar obras...” (PIVOT, 2014, p. 23).

Mesmo sem tornar-se meio de comunicação, a língua ganha novo sentido e passa a fazer parte das práticas sociais da comunidade, ganha valor simbólico e passa a ser cultivada e valorizada: nos eventos comunitários, nas festas, nos encontros dos grupos *patois*, nas intervenções nas escolas, na geração de novas obras culturais (músicas, literatura, teatro, etc). Nesse sentido, surge o que Pivot (2014) chamou de língua pós-vernacular, uma língua que se torna objeto de afeto e deve ser promovida, defendida e salvaguardada como elemento da cultura, símbolo da identidade local e de pertencimento a uma coletividade.

Com o desenvolvimento de projetos de revitalização, surgem os *novos falantes* (*new speakers, néo-locuteurs*), uma nova categoria de falante que é colocada em posição hierarquicamente inferior em relação aos falantes nativos ou falantes tradicionais, sendo esses últimos considerados possuidores de uma versão autêntica e legítima da língua. A linguagem aparece então como definidora de uma coletividade, detentora de uma visão de mundo e de conhecimentos que ela expressa e transmite – o falante nativo encarna assim a essência e a potencialidade cultural dessa coletividade (O'ROUKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015). Revitalizar revela-se então um campo de batalhas, na medida em que os diversos grupos ou agentes da revitalização entram em embates em torno da apropriação dessa língua e da cultura que ela carrega e de sua projeção na atualidade.

Segundo Costa (2015), em seu estudo sobre o provençal na França, os novos falantes são definidos não apenas por sua competência na língua – frequentemente marcada pelo contato com a língua dominante –, mas também como uma categoria social constituída predominantemente por jovens, urbanos e de classe média. Em contraposição, os falantes nativos são mais velhos, originários do meio rural e oriundos

da classe trabalhadora. A versão da língua provençal dos novos falantes na comunidade estudada por Costa (2015) é considerada “artificial, literária, normativa, reconstituída ou idiossincrática, urbana, jovem” (COSTA, 2015, p. 133, tradução nossa), uma língua que apresenta aspectos do contato com a língua dominante que são condenados pelos falantes nativos, sobretudo traços sintáticos e prosódicos. Por outro lado, os empréstimos presentes na fala dos falantes nativos – devidos ao longo e intenso contato com o francês e outras línguas vizinhas – são vistos como autênticos por estarem embutidos numa sintaxe mais tradicional (COSTA, 2015).

A inserção dos novos falantes na comunidade linguística se apresenta assim problemática, na medida em que esses falantes têm dificuldade em adquirir legitimidade diante dos falantes nativos, considerados modelo da língua autêntica, correta, pura e original, uma abstração que pouco tem a ver com a realidade dinâmica das línguas e que revela, na verdade, uma ideologia da natividade, muitas vezes reproduzida mesmo nos meios acadêmicos, sobretudo nos campos da dialetologia (expresso na definição do falante nativo ideal) e da linguística aplicada, nas metodologias de ensino de línguas (O’ROUKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015).

As agendas de revitalização seguem frequentemente esse mesmo padrão, pretendendo recuperar a língua em uma forma não alterada, “original”, e os efeitos do contato e da mudança linguística são vistos como um problema, como perda. A emergência dos novos falantes coloca então em evidência as contradições presentes nos projetos de revitalização, colocando em questão os pressupostos básicos das práticas de planejamento linguístico de comunidades linguísticas minoritárias na Europa. De um lado, coloca-se os falantes nativos como representantes legítimos da comunidade e de outro, com o desaparecimento inevitável desses falantes tradicionais, os não nativos são chamados a aprender e a usar a língua para reverter o processo de obsolescência (O’ROUKE; PUJOLAR; RAMALLO, 2015).

Na medida em que os falantes nativos de línguas minoritárias, que a aprenderam na infância quando ela ainda era usada como meio de comunicação, deixam de existir, não tendo sido capazes de transmitir a língua ativamente aos seus descendentes, são os programas de revitalização e os *novos falantes* a única possibilidade de evitar o desaparecimento completo da língua, mesmo que a língua que sobreviva seja sensivelmente diferente da língua de seus antepassados. Essa parece ser mais uma característica das chamadas línguas pós-vernaculares, marcadas pelo contato, pelo multilinguismo de um mundo cada vez mais global e interconectado e por comunidades fundadas na diversidade de práticas linguísticas e sociais.

3 OBSOLESCÊNCIA E REVITALIZAÇÃO DO FRANCOPROVENÇAL NA FRANÇA

A situação de obsolescência ou ameaça das línguas do mundo é avaliada e apresentada no sítio *ethnologue.com*. Em uma escala que vai do nível “0 internacional” até o “10 extinta”, o francoprovençal está classificado como “8a moribunda” (a dois níveis da extinção): os últimos falantes ativos da língua são membros da geração dos avós ou mais velhos. No que diz respeito à transmissão da língua, a classificação é “6b-7 com problemas”: a transmissão intergeracional está sendo rompida, mas a geração fértil ainda pode usar a língua, tornando possível que esforços de revitalização possam restaurar a transmissão da língua em casa.

Estudos como o de Bert e Costa (2009) sobre línguas regionais na região Rhône-Alpes (atualmente Auvergne-Rhône-Alpes) na França, o de Pivot (2014) e o trabalho de Gomes (2019), este último realizado na região denominada Bresse, no departamento Ain (França), confirmam e acentuam essa realidade: os falantes ativos do francoprovençal possuem mais de 60 anos e têm o francês como língua materna e de uso cotidiano. A transmissão familiar da língua regional foi interrompida e seu uso social acontece em situações cada vez mais raras, em contextos bem determinados: no seio das associações, no contexto de algumas atividades profissionais, em geral rurais, na caça e em projetos de revitalização e sensibilização à língua local (BERT, 2011). Trata-se de uma língua de tradição essencialmente oral, que nunca foi padronizada (PIVOT, 2014). Embora existam textos escritos, sua literatura é esparsa e pouco (re)conhecida. O ensino da língua atinge uma quantidade muito pequena de crianças, e acontece de forma esporádica no tempo denominado *péri-scolaire*, uma vez por semana, em meio a outras atividades de lazer, esporte e cultura.

Observou-se, no entanto, que a demanda por medidas de proteção e recuperação da língua tem aumentado sensivelmente nos últimos 20 anos e tiveram como resultado a conquista de apoio governamental a diversos projetos que se desenvolveram por meio de parcerias entre associações, atores comunitários e atores acadêmicos/universitários. Os grupos e associações dedicados ao cultivo da língua francoprovençal tiveram crescimento considerável nos últimos anos. Essas associações e grupos comunitários realizam hoje um grande esforço na manutenção e difusão da língua regional. Seus membros são falantes com diferentes níveis de competência na língua, dentre os quais podemos distinguir falantes nativos, que aprenderam a língua ativamente na infância, e semi-falantes, que tiveram contato com a língua na infância, mas de forma passiva, e foram desenvolver habilidades ativas tardiamente. Pode-se identificar ainda a presença menos numerosa de *novos falantes*, que aprenderam ou estão aprendendo a língua regional como segunda língua (BERT, 2011).

No vilarejo de Saint-Étienne-du-Bois, próximo a Bourg-en-Bresse (departamento Ain, França), onde realizou-se a pesquisa de campo, o chamado *grupe patois* possui aproximadamente 30 participantes e se reúne um sábado por mês na sede da associação *Maison du Pays en Bresse*. Nesse grupo, assim como em outros, a atividade principal é de registro da língua, por meio de traduções de textos, elaborações de dicionários, compilação de contos, músicas, poemas, tendo os falantes mais competentes como referência, considerados guardiães legítimos da língua dos antepassados. Objetiva-se também a convivência entre as pessoas, a organização de festas comunitárias e de intervenções junto ao público externo e às escolas. Nesses encontros, as atividades de ensino propriamente dito da língua são raras e esporádicas, no entanto, não podemos negar que haja algum tipo de transmissão e de aprendizado, principalmente nas atividades de tradução, ocasião em que discussões metalinguísticas são frequentes: discute-se as possibilidades de tradução de uma palavra, a conjugação de um verbo, o uso de preposições ou conjunções, entre outros.

Uma questão que dificulta o desenvolvimento de projetos de difusão ou ensino da língua, é a falta de uma gramática e uma grafia unificada da língua. Esse parece ser um dos maiores impasses para os projetos de revitalização. Mesmo dentro do departamento Ain, onde fala-se a variante do francoprovençal denominada *bressan*, há discordâncias gráficas e gramaticais importantes que dificultam a elaboração de um material didático que possa ser utilizado no conjunto do departamento.

Também durante a pesquisa de campo realizada na França, pode-se acompanhar a equipe do Institut Pierre Gardette – Université Catholique de Lyon (UCLy) –, no desenvolvimento da *Formation d'Intervenants en Langue Régionale* (Formação de Mediadores em Língua Regional) que ocorreu na sede da associação Patrimoine des Pays de l'Ain (PPA), em Bourg-en-Bresse (Région Rhône-Alpes) a aproximadamente 60 km de Lyon. A formação contou com apoio da Région e foi coordenada por Claudine Fréchet (diretora do IPG e professora na UCLy) e Jean-Pierre Gerfaud (então presidente da associação PPA). O objetivo da formação era formar indivíduos, membros ou funcionários de associações para atuarem na sensibilização e difusão do francoprovençal no departamento Ain.

Os participantes eram pessoas em determinada posição de destaque em suas comunidades originárias, em geral não falantes, ou *semi-falantes* ou *novos falantes* da língua local, que poderiam atuar junto às associações ou grupos em projeto locais de valorização e sensibilização à língua. Os formadores eram, em geral, *falantes nativos* ou *semi-falantes* mais competentes e engajados no estudo da língua, que eram responsáveis pela elaboração de materiais de difusão e ensino da língua e pela condução das

dinâmicas nos encontros, com o apoio acadêmico dos coordenadores e demais funcionários do Institut e da associação PPA. Desta forma, foram elaboradas atividades pedagógicas lúdicas para serem desenvolvidas em língua regional para diferentes tipos de público, abordando diferentes temas como saudações, meteorologia, o trabalho no campo, as tradições ou festas locais, etc. Os formadores mais competentes na língua forneciam lista de palavras, frases ou expressões necessárias a cada temática trabalhada, tabelas de conjugações de verbos, diálogos, canções, textos, contos, entre outros, resultando num rico material didático que foi organizado posteriormente.

Na ocasião dos encontros e na dinâmica das atividades, pode-se perceber claramente o prestígio dado aos *falantes nativos*, mais velhos, que foram “banhados” na língua desde a infância, e que assumem a posição de autoridade e legitimidade diante dos outros. No decorrer dos encontros, o contato entre falantes com diferentes níveis de competência e diferentes formas de aquisição e uso da língua fez emergir conflitos latentes – observados sobretudo nas conversas informais nos corredores durante os intervalos das reuniões – que muito dizem sobre a situação da língua de forma mais geral.

Os *novos falantes*, que tiveram pouco contato com a língua na infância e que desenvolveram competências ativas na língua tardiamente, são desvalorizados pelos *falantes nativos*, que caracterizam a fala daqueles como afrancesada, errada, com um sotaque que não soa mais como a língua que eles aprenderam na infância. O mito da língua ancestral, pura e idealizada, ainda reina nos sentimentos e atitudes desses falantes, principalmente daqueles que viram sua língua ir desaparecendo aos poucos, juntamente com o modo de vida tradicional que marcou sua infância no meio rural. Os *semi-falantes* e *novos falantes*, por sua vez, se queixam dos mais velhos, dizendo serem eles muito conservadores, por não querem atualizar ou modernizar a língua, rejeitando, inclusive, a introdução de palavras estrangeiras para a expressão das novas realidades e tecnologias. Além disso, esses falantes tradicionais são avessos a qualquer tentativa de normatização ou padronização da língua, assim como à criação de uma grafia comum.

Em termos propriamente linguísticos, a análise de dados da língua coletados mostrou que a versão da língua dos *semi-falantes* e dos *novos falantes* apresenta características estruturais resultantes do processo de obsolescência pelo qual a língua vem passando e da interferência da língua francesa, primeira língua dessas pessoas e língua dominante na comunidade como um todo. O francês atua como uma espécie de substrato (ELIA, 1974) da língua francoprovençal no nível do indivíduo bilíngue, cujos hábitos articulatórios deixam suas marcas na língua minoritária. Além disso, observa-se a massiva incorporação do léxico de origem francesa, que vem se difundindo amplamente nas regiões de domínio francoprovençal e occitano (cf. MARTIN, 1995).

Dentre os fenômenos de mudança ou assimilação atribuídos ao contato com o francês e observáveis nas produções de *semi-falantes* e *novos falantes*, podemos destacar:

- a. Queda da vogal átona final – conservada na evolução do latim para o francoprovençal – *cholou* [ʃolu], no francês *sale* [sal] (pt. sujo), *shenou* [ʃənu], no francês *chêne* [ʃen] (pt. carvalho) e *coulouna* [ku'luna], no francês *colonne* [kɔlɔn] (pt. coluna). Nos dados analisados em Gomes (2019), o fenômeno foi observado, por exemplo, nas palavras *épena* e *roja* (pt. espinho e rosa), que se tornam [epən] e [roʒ] e nas palavras *rouzhou* (pt. vermelho) que se realiza [ruð] e *pyara* (pt. pedra), que se realiza [pjar] entre os *semi-falantes*.
- b. “Oxitonização” de palavras, as quais são, em sua maioria, paroxítonas em francoprovençal: ([ˈpena] que se torna [pena]).
- c. Redução do paradigma dos artigos indefinidos (que possui quatro formas m. sing. *on/n²*, f. sing. *na/n'*, m. plur. *dé/déj* [de]/[deʒ], f. plur. *de/dej* [də]/[dəʒ]) com perda da distinção de gênero no plural, convergindo com o sistema francês (*un, une, des*), prevalecendo a forma masculina *dé/déj* [de]/[deʒ] também para os contextos do feminino.
- d. Redução do paradigma dos demonstrativos³, a semelhança do que ocorre com os artigos indefinidos, com perda da distinção de gênero no plural e, em alguns casos, adoção da forma francesa (*ces*), em especial no contexto vocálico.
- e. Criação de verbos a partir do radical francês: fr. *je guérisais* > *zhe guerichôva* (pt. curar, no imperfeito do indicativo)⁴.
- f. Empréstimos e decalques do francês, sobretudo diante das palavras da língua que sofreram desgaste e desapareceram: fr. *brebis* no lugar de *faya* (pt. carneiro), fr. *taupe* > *taupa*, por *darbon* (pt. toupeira), fr. *lèvres* > *lèvrrou*, por *lèbé* (pt. lábios), e os decalques *cazha a froumazhou* por *chozhizhe* (fr. *cage aux fromages*), *flaca d'edye* por *gache* (fr. *flaque d'eau*), *boula de nezhe* por *boul* (fr. *boule de neige*) e *mi de pon* por *myeta de pon* (fr. *mie de pain*).

² A segunda forma aparece diante de contexto vocálico.

³ Mais detalhes sobre o sistema de demonstrativos, consultar Gomes (2015 e 2019).

⁴ Mais informações sobre as mudanças no sistema verbal do francoprovençal ver Martin (2012).

Como comentamos anteriormente, muitas dessas mudanças são sentidas como corrupção e perda da língua regional por parte dos falantes mais velhos e mais competentes, em especial a perda das vogais átonas finais e a “oxitonização” das palavras francoprovençais, visto que alteram sensivelmente o padrão acentual e, conseqüentemente, a sonoridade da língua. De fato, o longo contato com o francês vem forçando a oxitonização de muitas palavras do francoprovençal, como identificou Tuaille (apud HOYER, 1993, p. 3), nomeando o fenômeno de *neo-oxytons*, nos *patois* de Grenoble e do Grésivaudan, desde o século XVII e início do XVIII.

Por outro lado, os falantes mais jovens não veem problema nessas adaptações ou assimilações, e buscam transformar sua própria experiência como falantes do francês numa motivação para a tarefa de revitalização, colocando a comparação e as semelhanças entre as duas línguas no centro de suas reflexões e ações.

Observa-se assim, uma forte oposição entre o velho e o novo, e uma dificuldade de se chegar ao consenso em relação a elementos essenciais às ações de revitalização, como a criação de material didático na língua, por exemplo, o que demanda um acordo em relação à grafia e gramática da língua. A problemática da padronização parece esbarrar em uma questão identitária a nível local. O francoprovençal varia enormemente em seu território e essa variação expressa-se nas diferenças, maiores ou menores, que distinguem o *patois* de cada vilarejo. Essas diferenças são exacerbadas pelos falantes, sobretudo os que estão em contato com falantes de variantes de outras línguas como o occitano e os falares *d'oïl*. São essas diferenças que individualizam seu vilarejo, o *patois du pays*, revelando e reafirmando sua origem. Desta forma, na percepção dos falantes, cada um fala o *patois à sa façon*, e padronizá-lo seria negar o que ele tem de essencial, seu caráter dialetal (cf. TUAILLON, 1988).

Nesse sentido, pode-se afirmar que os embates que afloram nos grupos e associações atuantes na revitalização do francoprovençal na França estão longe de se resolverem. A falta de uma efetiva unidade dos diferentes grupos fragmentados em vasto território, mais ou menos isolados nas pequenas cidades, contribui para a dificuldade em se empreender um projeto de revitalização com maior impacto, sobretudo na transmissão. A idealização da língua dos antepassados e a insistência na ideia de que revitalizar é recuperar essa língua perdida em sua forma intacta, rejeitando os efeitos do contato com o francês, acabam por desestimular o interesse de potenciais *novos falantes*, que não veem vantagens ou utilidade em se aprender a língua, associando-a ao passado, a um modo de vida ultrapassado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Línguas ameaçadas e em processo de revitalização estão frequentemente inseridas em contextos socioculturais complexos marcados pelo multilinguismo e pelo contato com uma língua dominante. Seu estudo exige um arcabouço teórico-metodológico que considere a especificidade das comunidades em contato, o grau de manutenção e uso da língua, seu lugar, sua função e seu valor na comunidade e os diferentes perfis de falantes (forma de aquisição, competência, uso, atitude diante da língua, etc), com o objetivo de determinar os efeitos linguísticos e extralinguísticos do contato.

Estudar a situação do francoprovençal e seu futuro demanda, portanto, uma análise cuidadosa da situação sociolinguística da língua e de seus falantes, assim como de questões como identidade, legitimidade e valor da língua dentro da comunidade. Nesse contexto, os *semi-falantes* e *novos falantes* surgem como um importante grupo sociolinguístico nos projetos de revitalização. A sobrevivência do francoprovençal depende de uma aceitação dessa nova língua que surge, marcada pelo contato, pela incorporação e adaptação de elementos da língua dominante, o francês. A pluralidade de tipos de falantes nos leva a repensar a noção de comunidade linguística – que, no caso das línguas regionais na França, constitui uma rede fragmentada, configurando o que Bert (2010) chamou de comunidade virtual – e sua inserção no interior da sociedade francesa moderna, onde não há mais falantes monolíngues das línguas regionais, sendo o francês a língua com maior valor e prestígio no nível nacional.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BERT, Michel; COSTA, James. **Étude FORA** – Francoprovençal et occitan en Rhône-Alpes. Projet pilotée par l'Institut Pierre Gardette de l'Université catholique de Lyon (conseiller scientifique: M. Jean-Baptiste Martin) en coopération avec l'Institut national de recherche pédagogique (INRP), les laboratoires de recherche Interactions, corpus, apprentissages, représentations (ICAR) et Dynamique du langage (DDL), du Centre de dialectologie de Grenoble et de nombreuses associations, résulte d'une commande de la Région Rhône-Alpes, 2009. Disponível em <http://icar.univ-lyon2.fr/projets/ledra/index.html>, acesso em 9/01/2013.

BERT, Michel. Qui parle une langue en danger? Locuteurs de francoprovençal et d'occitan em région Rhône-Alpes (France). **Faits des Langues**: linguistique de terrain sur langues em danger, locuteurs et linguistes. OPHRYS, 2010, p. 79-116.

BERT, Michel. Situation sociolinguistique du francoprovençal: l'étude FORA. In: **Langues et Cité**, n. 18, 2011, p. 5.

COHEN, Maria Antonieta A. M. Línguas românicas em extinção: o francoprovençal. In: RAVETTI, Graziella; ARBEX, Márcia. (org.) **Performance, exílio e fronteiras**. Errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2002, p. 265-279.

COHEN, Maria Antonieta. A. M. Línguas não-territorializadas: o haketia, o judeu-espanhol oriental e a língua dos calons. **Papia** (Brasília), Brasília, v. 13, 2003, p. 82-91.

COSTA, James. New speakers, new language: on being a legitimate speaker of a minority language in Provence. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 231, 2015, p. 127-145.

DAL NEGRO, Silvia. Language contact and dying languages. In **Revue française de linguistique appliquée**, n. 2, 2004, p. 47-58. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2004-2-page-47.htm>. Acesso em 03/10/2019.

DORIAN, Nancy C. The problem of the semi-speaker in language death. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 12, 1977, p. 23-32.

DORIAN, Nancy C. **Investigating obsolescence: studies in language contraction and death**. New York: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1989.

ELIA, Silvio. **Preparação a linguística romanica**. Rio de Janeiro: Academica, 1974.

GOMES, Simone F. **Línguas em extinção: estudo de um patois francoprovençal**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG, 2015.

GOMES, Simone F. Recuperando uma língua ameaçada: formação de formadores em língua regional na França. Relato de Experiência. **Revista Inventário**, Salvador, n. 23, jul., 2019a, p. 315-326.

GOMES, Simone F. **Línguas ameaçadas: o francoprovençal**. Tese de doutorado. Faculdade de Letras da UFMG. 2019.

HOYER, Gunhild. **Textes en dialecte dauphinois : établissement du texte, traduction et analyses linguistiques**. 1993. Thèse de Doctorat. Université Stendhal Grenoble III, Centre de Dialectologie.

MARTIN, Jean-Baptiste. **Permanence et évolution dans le patois du lyonnais depuis les enquêtes de l'ALLY**. Dijon: ABDO, 1995.

MARTIN, Jean-Baptiste. Le cycle désorganisation-réorganisation en morphologie verbale: le cas de l'indicatif imparfait en francoprovençal. In BARRA-JOVER, Mario et al. **Études de linguistique gallo-romane**. Presses Universitaires de Vincennes, 2012, p. 261-278.

MCMAHON, April. M. S. Language death. In MCMAHON, April. M. S. **Understanding language**

change. New York: Cambridge University Press, 1994.

O'ROURKE, Bernadette; PUJOLAR, Joan; RAMALLO, Fernando. New speakers of minority languages: the challenging opportunity – Foreword. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 231, 2015, p. 1-20. Disponível em <https://www.degruyter.com/view/j/ijsl.2015.2015.issue-231/ijsl-2014-0029/ijsl-2014-0029.xml>. Acesso em 3/10/2019.

PIVOT, Bénédicte. **Revitalisation de langues postvernaculaires**: le francoprovençal en Rhône-Alpes et le rama au Nicaragua. Thèse de doctorat. Université Lumière-Lyon 2, 2014.

THOMASON, Sarah G.; KAUFMAN, Terrence. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1991.

THOMASON, Sarah. Contact explanations in linguistics. In HICKEY, Raymond (org.). **Handbook of language contact**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012, p.31-47.

THOMASON, Sarah. **Endangered languages**: an introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

TUAILLON, Gaston. Le francoprovençal. Langue oubliée. In: VERMES, G. **Vingt-cinq communautés linguistiques de la France**. Tome Premier. Paris: L'Harmattan, 1988, p.188-207.

TUAILLON, Gaston. **Le francoprovençal**. Valée d'Aoste: Musumeci Éditeur, 2007.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**: findings and problems. The Hague; Paris: Mouton & Co, 1970.

Título em inglês:

LANGUAGE CONTACT IN A CONTEXT OF LINGUISTIC
OBSOLESCENCE: CHALLENGES FOR THE REVITALIZATION
OF FRANCOPROVENÇAL LANGUAGE IN FRANCE